

# Re(senhas)

## **Do capitalismo de vigilância ao mito da caverna: Uma reflexão marxista contemporânea**

Pedro Wilson Nogueira Porto<sup>1</sup>

### **Introdução:**

As mudanças causadas pelo avanço da tecnologia e pela integração digital têm trazido alterações significativas nas estruturas econômicas, sociais e culturais do tempo atual. Nesse cenário, o capitalismo de vigilância se apresenta como uma nova forma econômica, marcada pela coleta em grande escala de dados pessoais e pela influência nos comportamentos tanto individuais quanto coletivos. Este modelo, segundo Zuboff (2020), não apenas altera as relações de poder e os

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ensino de Filosofia pelo Instituto Federal do Sertão Pernambucano. E-mail: [pedro.porto@aluno.ifsertao-pe.edu.br](mailto:pedro.porto@aluno.ifsertao-pe.edu.br)

mecanismos de mercado, mas também traz desafios éticos e filosóficos que necessitam de uma análise crítica.

A análise dessa nova ordem econômica viabiliza um diálogo interdisciplinar, em que teorias clássicas, como as concepções marxistas de alienação, superestrutura e fetichismo, são conectadas a problemas emergentes no cenário digital. De forma paralela, a ressignificação de narrativas filosóficas, a exemplo do Mito da Caverna de Platão, abre a possibilidade de entender as consequências do capitalismo de vigilância sobre a percepção da realidade e sobre a autonomia dos indivíduos. Nesse sentido, este trabalho propõe investigar as características do capitalismo de vigilância, seus impactos na vida cotidiana e as ressignificações dos conceitos filosóficos e sociológicos em tela na contemporaneidade. A partir da descrição de como a experiência humana é transformada em mercadoria e matéria-prima, esta pesquisa pretende dialogar com o debate sobre os limites e possibilidades éticas da emancipação em um cenário dominado pela tecnologia online.

Em Irwin (2005), vamos encontrar uma leitura que mostra nos coloca como prisioneiros porque supomos que a realidade em que vivemos é a superior e a mais verdadeira de todas. Contraindo a essa ideia o referido autor remete a Platão, quando justifica que “só o que experimentamos no nível superior da realidade disponível através dos cinco sentidos são pobres limitações de um nível superior de realidade, as formas” (Irwin, 2005, pag. 49).

## Fundamentação Teórica

A alienação é uma das ideias-chave na ideia de Marx, fala sobre a separação do trabalhador de seu produto e de sua essência como humano. Segundo Marx (1996), no sistema capitalista, o trabalhador é alienado ao que produz. O resultado do seu trabalho é a peça fundamental que serve para a venda e, conseqüentemente, ganhos capitais para o dono da fábrica. No capitalismo de vigilância, pessoas perdem o controle sobre aquilo que fazem, ficando estranhas ao próprio ato de criar, ao resultado final e, assim, à sua própria natureza humana. O que é criado nesse momento são, segundo Zuboff (2020), os dados, que se tornam mercadoria, trocada e vendida no meio virtual. O capitalismo de observação não pode ser visto como algo "fora", limitado a fábricas e escritórios. ” Seus objetivos, bem como seus efeitos, estão aqui ... somos nós. (Zuboff, 2020, p. 225). Essa forma de alienação digital tem conseqüências profundas. Primeiramente, os indivíduos perdem a autonomia sobre sua própria identidade digital, que é construída e utilizada por terceiros para influenciar comportamentos e decisões.

Em Marx (1996), a superestrutura inclui as instituições e ideias que apoiam o sistema econômico mais forte. É um grupo de estruturas sociais, como cultura, política, religião e os valores. E que valida e continua a base econômica da sociedade. No capitalismo, a superestrutura é feita para fortalecer as relações de trabalho e o poder das classes superiores.

No cenário do capitalismo de vigilância, esse conceito ganha novas formas através das plataformas digitais e dos códigos. Esses sistemas tecnológicos, muitas vezes ocultos para os usuários, não só organizam a vivência online, mas também formam visões, ações e interações sociais. As redes sociais, os buscadores e outros serviços digitais têm o papel de intermediários ideológicos, direcionando o fluxo de dados e reforçando ideias que sustentam os interesses das empresas de tecnologia. A superestrutura digital não apenas legitima o sistema econômico, mas também redefine as relações de poder e a dinâmica social, consolidando a hegemonia das grandes corporações tecnológicas.

A noção de fetichismo da mercadoria, desenvolvida por Marx, descreve o processo para o qual os produtos do trabalho humano desenvolvem-se com cadências próprias, de tal modo a obscurecerem as relações que geram. Na economia capitalista, as mercadorias não se tornam “de boas” produto da ação humana, mas como objetos de valor que não estão conectadas a suas circunstâncias de produção. Um outro fetichismo digital é bem-visto nas métricas sociais, tais como “likes”, seguidores e compartilhamentos. Tais indicadores, desenvolvidos para medir interações em uma rede online, entram em efeito de valores pessoais como padrões quando se transformam a possibilidade de quantificar a identidade. Aqui, a lógica fetichista desvia a atenção para a operação dinâmica social e tecnológica que orienta esses padrões, incluindo a comparação dessas métricas pelos algoritmos.

## Metodologia

A pesquisa apresentada teve como metodologia a análise e o levantamento bibliográfico que ajudasse a pensar o tema. O principal documento que, de certa forma, abriu espaço para toda a pesquisa sobre o mito da caverna foi, sem sombra de dúvidas, o livro “A República” de Platão. Quando a pesquisa girou em torno do capitalismo de vigilância, o principal documento é a obra da estudiosa americana Shoshana Zuboff. E, por fim, sobre os conceitos desenvolvidos por Marx estão nas obras: O 18 de Brumário de Luiz Bonaparte e O Capital, Tomo 2.

## Resultados e Discussão

Com a definição dada, a nova sistema econômico do século XXI, como mostrado por Zuboff, pode ser vista como um modo que transforma a vida das pessoas em recurso para ações de negócios ocultas. Isso é o que se chama de capitalismo de vigilância; um novo sistema econômico alegrando a vida humana como um recurso sem custo para ações de negócios escondidas de retirada, venda e previsão. As principais qualidades desse modelo são o olhar fixo, a adivinhação de atos futuros e a mudança deles. Tais ações são feitas pela coleta grande de dados por meio das tecnologias digitais que pegam detalhes sobre os usuários, seus modos de agir e gostos. Com essa coleta, as empresas podem fazer produtos e serviços sob medida, mas o mais importante é que elas podem

Re(senhas)

mudar decisões e atos futuros, firmando o domínio sobre os processos econômicos e sociais.

Este modelo econômico não apenas transforma a experiência humana em dados, mas também redefine relações de poder ao permitir que as corporações que detêm essas informações influenciem profundamente o comportamento humano, muitas vezes de forma invisível e opaca.

O capitalismo de vigilância tem gerado impactos significativos na vida cotidiana, transformando a maneira como interagimos com as tecnologias e como nossas informações são utilizadas. Este modelo econômico, centrado na coleta, análise e utilização de dados pessoais, exerce influência direta sobre diversos aspectos do cotidiano, desde decisões de consumo até a forma como interagimos socialmente. Uma das principais formas de atuação do capitalismo de vigilância é por meio da coleta de dados. Dispositivos como smartphones, assistentes virtuais e outros equipamentos conectados à internet registram constantemente as atividades dos usuários. Desde informações básicas, como localização e histórico de navegação, até dados mais sensíveis, como preferências pessoais e padrões de comportamento, são armazenados e processados para diferentes finalidades comerciais e tecnológicas.

A etapa seguinte a essa coleta é a análise comportamental, realizada por meio de algoritmos avançados. Essas ferramentas têm a capacidade de interpretar os dados coletados e, com base em padrões identificados, prever decisões e comportamentos futuros dos indivíduos.

Re(senhas)

Essa análise não apenas antecipa preferências, mas também influencia escolhas, sobretudo no campo do consumo, ao sugerir produtos, serviços ou conteúdos que atendam aos interesses detectados.

Além disso, o capitalismo de vigilância se manifesta por meio da personalização. O conteúdo apresentado aos usuários, incluindo anúncios publicitários, é adaptado aos perfis digitais construídos com base em dados coletados e analisados. Essa personalização cria a ilusão de uma experiência digital única e conveniente, enquanto, na prática, estreita as opções disponíveis e direciona o comportamento dos indivíduos de maneira previamente calculada.

## **Conclusão**

Portanto, a análise do capitalismo de vigilância em termos de conceitos marxistas e do mito da caverna de Platão revela que a era de informação intensifica antigas dinâmicas de alienação, fetichismo e manipulação ideológica no campo da modernidade digital. Se Marx indicava a alienação do trabalhador em relação à mercadoria que produzem, hoje testemunhamos alienação digital; sistemas em que os indivíduos se alienam desses dados, da estrutura criada e reformulam suas visões sobre a realidade virtual. A aula da caverna de Platão pode ser usada para entender graficamente a situação dos usuários contemporâneos, inteiramente presos aqui num mundo de sombras

digitais que os prisioneiros construíram, carecendo dos guias e da luz dos mestres da caverna real.

A saída para o caos moderno exige não só uma consciência formada, mas também a busca prática e política para abraçar toda organização e transparência, e permitir, e promover a honestidade, equidade e o empoderamento dos usuários na crença na moderna sociedade moderna. Portanto, este estudo não é apenas um triângulo comparativo entre dinâmicas filosóficas e econômicas passadas e contemporâneas, mas um chamado à ação ou cópia urgente. Esta tecnologia precisou mudar nossas relações para poder e autonomia individual. Em termos de superar os “cativeiros” digitais, a auto-organização é necessária para transformar plataformas num plano em que usa experiências humanas não como produto de mercado, mas como oportunidade para conexão, conhecimento e liberdade.

**Palavras-chave:** Capitalismo de Vigilância, A república, Marxismo

### Referencias:

IRWIN, William. **Matrix: bem-vindo ao deserto do real.** Traduzido por Wagner Veneziani Costa. São Paulo: Madras, 2005.

MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte.** Tradução de Nélio Schneider. Prólogo de Herbert Marcuse. São Paulo: Boitempo, 2011.

Re(senhas)



MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro primeiro: o processo de produção do capital. Tomo 2. Tradução de Régis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

PLATÃO. *Uma República*. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 9ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

SANTOS, B. F.; DA ROCHA, G. K.; SANTOS, D. M.; DE LIMA, A. A.; ANDRADE, R. D. S. Violência na sociedade do cansaço: uma crítica ao capitalismo por Byung-Chul Han. **REVISTA INTERSABERES**, v. 19, p. e24en5001, 2024. DOI: 10.22169/revint.v19.e24en5001. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/artic le/view/2588>. Acesso em: 17 dez. 2024.

ZUBOFF, S. **A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.